

**A CRIATIVIDADE NO ENSINO DE LÍNGUAS NA FORMAÇÃO SUPERIOR  
CREATIVITY IN LANGUAGE TEACHING IN HIGHER EDUCATION**

Beatriz Pereira de SANTANA<sup>1</sup>

Ernestina de Lourdes C. FRIGELG<sup>2</sup>

Silza Maria Librelon RAIA<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é estabelecer algumas considerações sobre o processo de ensino de línguas - portuguesa e inglesa - nas instituições de ensino superior brasileiras e o seu papel no desenvolvimento de competências e de habilidades dos profissionais que necessitam interagir num mercado multicultural.

**Palavras-chave:** ensino superior; criatividade; ensino; língua portuguesa; língua inglesa.

**Abstract:** The aim of this paper is to establish some considerations on the teaching of languages - Portuguese and English - in Brazilian higher education institutions and their role in the development of skills and abilities of professionals who need to interact in a multicultural market.

**Keywords:** higher education, creativity, teaching, Portuguese, English.

**Considerações iniciais**

A educação superior brasileira, assim como todo e qualquer sistema de ensino, é influenciada pelas condições sócio-histórico-culturais e político-econômicas da sociedade e, por vezes, do mundo. Desenvolvido para cumprir umas das funções sociais mais importantes - a formação e a qualificação de indivíduos para o exercício não só profissional, mas também da cidadania na sociedade contemporânea -, cabe ao sistema de ensino superior brasileiro a melhoria de vida da população e a promoção do desenvolvimento humano como um todo.

---

<sup>1</sup>Mestre em Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), 01239-001. Docente nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), 01503-001, São Paulo, SP, Brasil, biapsantana@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora assistente na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM),01239-001 e no Centro Paula Souza - FATEC, 01124-010, São Paulo, SP, Brasil, tina@mackenzie.com.br.

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente no Centro Paula Souza - FATEC, 01124-010, São Paulo, SP, Brasil, silzalibra@yahoo.com.br.

A melhoria de vida e a promoção do desenvolvimento do indivíduo estão implícitas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no Capítulo IV, o qual se refere à educação superior:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Aos objetivos propostos pela LDB, soma-se ainda a globalização, fenômeno contemporâneo e irreversível que promove integração econômica, social, política e cultural entre os mais diversos países do mundo. Diante dessas perspectivas, espera-se que o ensino superior forme profissionais competentes para atuar em diferentes contextos multiculturais. Para tanto, algumas características são essenciais: domínio de novas tecnologias, como meios de comunicação, por exemplo.

Os novos meios de comunicação (*chats, e-mails*) extinguiram barreiras geográficas, mas não são o suficiente para a manutenção de um mundo global. É necessária a extinção de barreiras linguísticas. Esta só é possível com a formação de um indivíduo com

competência comunicacional não só na sua língua nativa, mas também em língua(s) estrangeira(s).

Para Canale (1981), deve haver a competência comunicativa para que ocorra a comunicação. O pesquisador divide esta competência em quatro componentes:

- a) Competência gramatical, que se refere à competência gramatical definida por Chomsky, o domínio do código verbal e não-verbal da língua;
- b) Competência sociolingüística, domínio de regras sócio-culturais de uso da língua;
- c) Competência discursiva, habilidade de usar a língua de modo uniforme e significativo em combinação com as formas gramaticais e com conhecimento de tipos de textos e contextos;
- d) Competência estratégica: capacidade de usar estratégias comunicativas para suprir deficiências que podem ocorrer no momento de interação comunicativa.

É por isso, portanto, que este artigo propõe-se a tratar da importância do ensino de línguas na formação superior.

## **1 A criatividade e o ensino superior**

Criatividade. Essa tem sido uma das palavras mais recorrentes na área da ciência no século XXI. Pesquisas recentes das mais diversas áreas de estudos, principalmente a área das Ciências Sociais e Humanas, como por exemplo a Educação, tem voltado o seu olhar para o desenvolvimento do processo criativo, isto é, a competência criativa do indivíduo.

Profissionais criativos destacam-se no mercado de trabalho não só pela habilidade que apresentam para lidar com as situações inusitadas, mas também pela competência para desenvolver e criar algo que possa contribuir para o desempenho de suas atividades e também do grupo do qual faz parte.

Mas, afinal, o que é ser criativo? O que é criatividade? Será que todo ser humano possui criatividade? Várias são as definições existentes para o termo criatividade. Para Antunes (2001), criatividade é “capacidade inerente a todo ser humano em criar, inventar coisas novas. Para alguns significa também a capacidade das pessoas em divergirem dos padrões consagrados com vistas à criação do novo ou de novas formas de pensar”.

Dessa forma, será criativo todo e qualquer indivíduo, já que criatividade é uma capacidade inerente ao ser humano, mas será também, e principalmente, aquele indivíduo que possuir um espírito-criativo, capaz de recriar e modificar saberes já estabelecidos, transformar e compreender o processo de transformação desse saber.

Ostrower (1993) afirma que criatividade é “[...] um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades”. Nesse sentido, entende-se que a criatividade, algo inerente ao ser humano, pode e deve ser estimulada por outro alguém que possa concomitantemente fornecer dados que permitam ao indivíduo alcançar o que deseja como também possa levá-lo a refletir e a repensar sobre o seu “produto criativo” de modo a aperfeiçoar cada vez mais suas ideias e criações.

Para Santana (2011),

[...] criatividade é capacidade inata ao ser humano, isto é, algo que nasce com o indivíduo que pode ser estimulado ou bloqueado pelo ambiente ou pela cultura que o cerca, ampliando ou restringindo a capacidade humana não somente de criar, inventar e inovar, mas também de relacionar, ordenar, configurar e, principalmente, significar a sua maneira de estar no mundo.

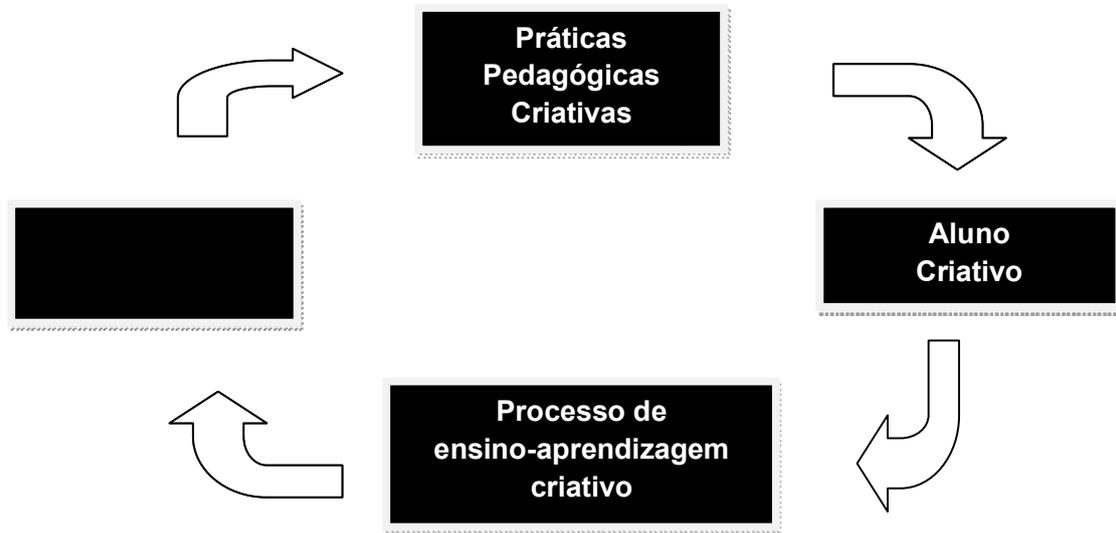
Associado esse entendimento ao fato de que, na fase do ensino superior, o professor exerce esse papel do “outro”, compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem na educação de nível superior é antes um processo criativo, no qual o professor assume o papel de estimular, ajudar e aprimorar o desenvolvimento cognitivo e intelectual de seu aluno. Ao utilizarmos o termo ensino-aprendizagem, afirmamos que o processo criativo na educação é uma unidade indissociável, em que professor e aluno são pólos separados, elementos distintos, entretanto, não opostos ou independentes.

Nesse enfoque, o processo educacional criativo de nível superior, maneira como passaremos a denominar o processo de ensino-aprendizagem neste artigo, é uma unidade assegurada pela relação simultânea e recíproca de autonomia e de dependência de um – o aluno – em relação ao outro – o professor.

A dependência está presente no fato de que um – o aluno – não existe sem o outro – o professor, e vice-versa. Por outro lado, a autonomia está presente no fato de que a

criatividade é algo inerente ao ser humano. Nessa visão de unidade indissociável, professores e alunos são sujeitos justapostos no processo de ensino-aprendizagem, no qual o professor é o estimulador e o aluno é estimulado.

Diante disso, o processo educacional criativo tem início no momento em que esses pólos começam a interagir, isto é, em que passam a ter ações coordenadas. E são as ações coordenadas, portanto, ações criativas no processo de ensino-aprendizagem, que são atualmente o desafio das escolas contemporâneas de ensino superior. Para melhor compreender, observemos o Ciclo da Criatividade Pedagógica de Santana (2010, p.40):



Relacionando o esquema à prática pedagógica do professor universitário, acreditamos que o desafio das instituições universitárias do século XXI é promover uma educação linguística criativa e efetiva para o desenvolvimento comunicacional do ser humano, não só no seu contexto social, mas no contexto de um mundo global. Logo, cabe ao professor universitário criar e recriar práticas pedagógicas, a fim de inovar o processo educacional criativo de maneira que este possa aprimorar de maneira efetiva competência comunicativa do ser humano.

Nesse sentido, pode-se dizer que a competência primeira que a formação superior deve (ou deveria) desenvolver é a competência comunicacional do indivíduo, uma vez que

é essa competência que lhe garantirá acesso a outras, ao conhecimento, bem como ao exercício pleno da profissão e da cidadania.

## **2 A criatividade no ensino de língua portuguesa na formação superior**

Lecionar no mundo global exige uma reflexão constante sobre o exercício da docência. É necessário estar disposto a reformular regularmente métodos, práticas e técnicas e, por vezes, conteúdo, tornando o processo educacional criativo cada vez mais contextualizado ao mundo contemporâneo.

A contemporaneidade não admite uma sala de aula marcada por um ensino passivo, sem vínculos efetivos à globalização mundial. “Os tempos são outros. [...]. Os indivíduos também mudaram. Logo, é preciso que essas práticas se apresentem adequadas aos imperativos de hoje, resgatando do passado o que dele for pertinente para uma prática que contribua para a construção de um futuro real e não-utópico. (PASSARELLI, 2004. p.50).

Logo, o ensino superior tem que mudar, resignificando suas experiências e permitindo novos olhares para a melhoria de condição de vida da população e para o desenvolvimento do ser humano como um todo.

Nessa resignificação, no que se refere ao ensino de língua portuguesa é importante que o docente universitário compreenda a importância do seu papel na formação de um profissional para o mercado de trabalho.

Considerando-se que alunos ingressantes do ensino superior apresentam, ainda que pequenas, dificuldades para expressar-se em língua portuguesa, tanto por escrito quanto oralmente, caberá ao docente universitário, por meio de seu processo educacional criativo, despertar no aluno o interesse pelo desenvolvimento de sua própria competência comunicacional. Já que essa dificuldade implica, muitas vezes, na ausência de compreensão dos conteúdos específicos de sua futura área de atuação profissional e, conseqüentemente, do seu pleno desenvolvimento humano.

Para tanto, é necessário que o docente do ensino superior desenvolva uma prática pedagógica pautando-se principalmente, mas não só, no(s) uso(s) da língua portuguesa dentro da área de atuação profissional do aluno. É importante ressaltar que o desenvolvimento das competências gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégia-

capacidades não é de responsabilidade da universidade, mas é papel da universidade aprimorá-las.

O aprimoramento do uso da língua materna na universidade é possível a partir do desenvolvimento de atividades linguísticas relacionadas ao futuro mercado de trabalho do aluno. Daí a importância da criatividade do docente de língua portuguesa do ensino superior: procurar desenvolver uma dinâmica de ensino que propicie aos alunos a representatividade da língua portuguesa no mercado de trabalho.

Uma prática pedagógica que desenvolva a percepção do aluno para a importância do domínio da língua portuguesa na carreira profissional contribuirá para o aprimoramento da competência comunicacional na medida em que:

- recriar diversas atividades práticas, na sala de aula, de situações linguísticas recorrentes na área de atuação profissional escolhida pelo aluno;
- criar situações que demonstrem o funcionamento não só da escrita, mas também na fala do mercado de trabalho;
- desenvolver a percepção do aluno, observado o mercado profissional, para reconhecer situações mercadológicas que determinarão a variedade linguística mais adequada a ser empregada.

Isso tudo é fundamental para uma ação educativa universitária eficaz em língua portuguesa. Nesse contexto, o processo educacional criativo no nível universitário será aquele em que o professor atua como colaborador no desenvolvimento da competência comunicacional na prática.

Não cabe ao professor português, no contexto universitário, ensinar a gramática normativa da língua. Compete-lhe desenvolver no universitário a competência e a habilidade para o uso destas regras no contexto profissional.

### **3 A importância da língua inglesa no ensino superior em um mundo globalizado**

Atualmente, a aquisição de uma Língua Estrangeira ocupa um espaço de grande importância na formação crítica e social dos alunos de ensino superior, quer nas faculdades públicas, quer nas faculdades privadas do Brasil. Portanto, a importância da aprendizagem da língua inglesa em nível superior em um mundo globalizado se torna essencial a todos,

pois, independentemente da razão, seja ela econômica, social ou comercial, a necessidade de se falar um idioma e conhecer a cultura de outra nação é bem antiga; por isso, os PCNs incluíram dentro dos seus parâmetros o ensino de língua inglesa.

A aprendizagem de uma Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo e poder agir no mundo social. (PCN, 1998, p. 15).

Porém, os alunos de faculdades e universidades sentem dificuldades em adquirir esse idioma e transmiti-lo. Então, pretende-se a abordar a concepção sobre os procedimentos de aprendizagem de uma LE, de modo especial a Língua Inglesa, enfocando sua influência na formação escolar, integrando elementos de inserção social e profissional.

Como requisito indispensável, o conhecimento sobre essa língua é também considerado, hoje, como elemento para o exercício da cidadania plena, e esse requisito não é apenas para alunos em fase escolar, mas para aqueles que já passaram pela mesma e é reconhecido pela sociedade como um valor educacional formativo na experiência de aprender outro idioma na escola. A Língua Estrangeira é tida como bem cultural e que garante de alguma forma a presença da disciplina Língua Estrangeira no currículo, e mesmo quando duvida da eficácia do ensino escolar, esta mesma sociedade leva seus filhos e a si mesma para aprender línguas em escolas e institutos particulares de idiomas. As Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao aluno aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

A penetração da língua inglesa no Brasil e no mundo tem, como variável que não pode ser ignorada, a presença hegemônica dos Estados Unidos no mundo. O terceiro mundo não está mais sendo dominado essencialmente pela força armada, mas pela língua, matéria prima do imperialismo cultural causado pela dependência econômica. A importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com uma sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos. (PAIVA, 2005 p. 26)

No mundo moderno, percebe-se o aumento de interesses de ordem cultural, os quais rompem com as barreiras geográficas e raciais, contribuindo para que se faça uma união da espécie humana. No entanto, tal união se produz por meio das comunicações interpessoais, e para que haja comunicação entre pessoas de diversos países é preciso um idioma que possibilite um elo entre os mesmos, nesse caso podemos citar a língua inglesa. A justificativa do uso da mesma é porque o aumento da internacionalização dos mercados levou os países a adotarem o Inglês como o idioma oficial do mundo dos negócios, então o aprendizado do Inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural.

Segundo (MOITA LOPES, 2006 p. 120), as línguas estrangeiras estão interligadas à forma de como os países interagem entre si e aproximam pessoas distintas com interesses semelhantes, ou seja, une o mundo, levando em consideração aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos.

É notória, por meio dos PCNs, a necessidade de se ensinar uma língua estrangeira para a obtenção de um maior conhecimento, porém deve-se sempre observar que esse ensino não focaliza apenas estudos de estruturas gramaticais e textos, incorpora também valores culturais que contribuem direta ou indiretamente na vida pessoal e profissional dos estudantes. Os PCNs dizem ainda: "O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva, portanto, à compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da cultura materna." (1998, p. 37) e, conforme LDB, capítulo II - Da Educação Básica - Seção I - Das Disposições Gerais, artigo 26, o ensino de língua estrangeira, "§5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição." Fica, portanto, estabelecida a importância da língua estrangeira no contexto cultural do educando brasileiro, especialmente na educação básica e, por consequência, migrando esta realidade para o nível superior.

### **3.1 As dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira no ensino superior**

A busca pela atualização é urgente; principalmente em se tratando do ensino superior, tal urgência se dá por estar a universidade preocupada com os acadêmicos como sendo os futuros profissionais, principalmente por ser a geração de hoje aquela que cuidará de outra ainda não conhecida.

Portanto, a universidade assume a tarefa de direcionar o conhecimento, levando o educando à sociedade da informação, estabelecendo o hábito da reflexão como meio de se construir e internalizar conhecimento, procedimentos, conceitos, habilidades e atitudes que serão trabalhadas em sala de aula, com a participação de todos, isto é, professores e acadêmicos.

Trata-se da velha polêmica sobre se ela forma ou informa e a sua reiterada incapacidade diante das mídias tecnológicas na difusão de informações são temas recorrentes em vários fóruns (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002 p. 102). Desta forma, pode-se verificar que conhecer não significa se informar, que não basta expor-se aos meios de informação para adquiri-las, mas sim, que é preciso trabalhar com as informações para, com base nelas, se chegar ao conhecimento. Então os professores universitários estão comprometidos com a realização de uma grande tarefa.

No caso da língua inglesa, sabe-se por experiência em sala de aula que o processo de ensino-aprendizagem não foi eficiente, muitos educandos de nível superior sentem dificuldades porque não tiveram o conhecimento necessário na educação básica, principalmente os alunos mais velhos, que por razões econômicas, em sua grande maioria, necessitam do emprego para depois dar continuidade aos estudos. Outro fator importante e frequente é a falta de tempo para a prática e treino das tarefas propostas, os acadêmicos já se conscientizaram da necessidade de se exercer a língua a ser aprendida por meio de atividades, mas como desempenham outras funções, principalmente de ordem profissional e familiar, o tempo para os estudos se torna muito restrito.

Portanto, percebe-se que as dificuldades enfrentadas pelos acadêmicos são muito variadas, no que diz respeito ao aprendizado de uma segunda língua, mas mesmo assim, encontramos nos bancos universitários discentes dispostos a aprender algo, mesmo que tenham que enfrentar dificuldades, e o que Brown orienta aos professores é a prática da

motivação, pois aprendizes motivados são impulsionados para uma interação entre aluno e professor.

*One of the more complicated problems of second language learning and teaching has been to define and apply the construct of motivation in the classroom. One the one hand, it is an easy catchword that gives teachers a simple answer to the mysteries of language learning. "Motivation is the difference," I have heard people say, "Between success and failure. If they're motivated, they'll learn, and if not, they won't". (BROWN, 2001 p. 72)<sup>4</sup>*

Em se tratando de motivação, percebe-se que deve ser a primeira atitude a ser tomada. Discentes que são levados a ler, escrever, falar, ouvir, pesquisar, enfim, agir, atingem suas metas mais facilmente e desenvolvem-se melhor, encontrando tempo para praticar as atividades propostas pelo professor, podendo levá-los a buscar o conhecimento da base, permitindo-se, ainda, conhecer o potencial da sua capacidade de aprender.

Segundo Librelon Raia (2001, p.20), a criatividade também conta como um fator de engajamento do aluno com a disciplina, bem como elemento fundamental para que se possa fazer a combinação de estratégia e criatividade para um ensino de língua inglesa mais eficaz e diferenciado.

Supondo estarem os alunos motivados, analisaremos as estratégias individuais de aprendizagem em língua estrangeira. A realidade das salas de aula é que possuem alunos de perfis diferenciados, logo os professores devem utilizar métodos diversificados de ensino-aprendizagem, acrescentando a eles a criatividade, tão marcada nas academias dos tempos atuais.

### **3.2 Estratégias de ensino-aprendizagem de língua inglesa no ensino superior**

Após uma abordagem sobre a importância da língua inglesa no ensino superior em um mundo globalizado e a constatação acima disposta, como disciplina atuante no currículo

---

<sup>4</sup> Um dos problemas mais complicados da aprendizagem de segunda língua e ensino tem sido a de definir e aplicar a construção de motivação em sala de aula. Por um lado, é um lema fácil que dá aos professores uma resposta simples para os mistérios da aprendizagem de línguas. "A motivação é a diferença", eu ouvi as pessoas dizerem, "Entre o sucesso e o fracasso. Se eles estão motivados, eles vão aprender, e se não, eles não vão". (BROWN, 2001, p. 72; tradução nossa)

escolar, faz-se, a seguir, uma apresentação das estratégias de aprendizagem da língua inglesa, com o objetivo de auxiliar os alunos da graduação a atingirem um sucesso maior no desempenho desta língua, envolvendo as quatro habilidades: *writing, listening, reading and speaking*.

A partir dos anos 90, houve uma preocupação, por parte dos educadores do mundo todo, em pesquisar sobre as estratégias de aprendizagem objetivando um melhor desempenho dos alunos em línguas estrangeiras.

Podemos dividir as estratégias de ensino de língua inglesa em três grupos: Metacognitivas, Cognitivas e Sócio/afetivas (O'Malley e Chamot - 1990). Podem ser apresentadas também como estratégias diretas e indiretas (Rebecca Oxford - 1990), podendo as mesmas se subdividirem em três grupos cada. Então, teremos as estratégias diretas que se dividem em: estratégia de memória, cognitiva e de compreensão; e as estratégias indiretas, que estão divididas em: metacognitiva, afetiva e social.

Conforme Oxford (1990), a estratégia de memória permite que o aluno armazene as informações sobre a língua estrangeira, podendo ser utilizada simultaneamente com a estratégia metacognitiva e com a estratégia afetiva. Pode-se exemplificar esta prática com o uso de som ou imagens visuais, rimas, gravuras ou fotos.

O professor pode usar a estratégia cognitiva quando ensina uma palavra ou estrutura nova em língua inglesa. Oxford, O'Malley e Chamot concordam na importância dessa estratégia, pois a prática realizada pelos discentes é por meio da repetição, do uso de sons e escrita, ouvindo músicas, assistindo filmes, recebendo e enviando mensagens, fazendo anotações ou resumos sobre as informações que adquiriram.

Outra estratégia utilizada pelo professor de ensino superior é a de compreensão, em que o aluno pode fazer uso da língua mesmo não tendo conhecimento total sobre a mesma. Esta estratégia ajuda o educando com a deficiência na gramática e no vocabulário, utilizando a interpretação e adivinhação através de mímicas, de prefixos ou sufixos, e até mesmo recorrendo à língua materna, trazendo sua experiência de vida para compreender o texto ou a fala.

As estratégias de aprendizagem indiretas, ligadas ao segundo grupo mostrado nesta unidade, trabalham em conjunto com as estratégias diretas, ajudando o discente no processo

de aprendizagem. Estas estratégias estão apoiadas na aprendizagem de línguas sem compromisso direto, portanto chamadas de estratégias indiretas.

A estratégia metacognitiva possibilita ao aluno um melhor controle de sua aprendizagem. Com isso, tornam-se mais eficientes os planejamentos e avaliações realizadas por eles. Na estratégia metacognitiva pode-se estabelecer metas e objetivos, bem como focar as atividades para determinadas habilidades da língua que se está aprendendo, buscando com isso, a disponibilidade da auto-avaliação.

Na estratégia afetiva, elementos como atitude, emoção, motivação e valores são fatores importantes na aprendizagem de uma língua estrangeira, admitindo-se como colaboradores na gestão de sentimentos positivos em sala de aula, os professores, que podem aumentar a quantidade de comunicação espontânea, e responsabilidades na realização das atividades propostas.

O lado afetivo do estudante é certamente uma das maiores influências no sucesso ou fracasso da aprendizagem da língua. (NAIMAN; TODESCO, 1975).

O temperamento afetivo pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem, sendo eficaz ao desempenhar um sentimento de incentivo, bem como controlando as atitudes e emoções dos estudantes, auxiliando no sucesso da aprendizagem. Por outro lado, pode retardar este processo quando a insegurança, ansiedade ou frustrações se estabelecem no ambiente da sala de aula.

Sabe-se que o processo de comunicação se realiza entre grupos de pessoas. Portanto, a estratégia social é de máxima relevância na aprendizagem da língua estrangeira, pois a linguagem é usada em forma de comunicação. Esta estratégia está envolvida na comunicação e interação entre os acadêmicos ou até mesmo com outros estudantes que passam pelo mesmo processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, bem como com falantes nativos, possibilitando a prática da língua e aprendendo sobre a cultura do país.

### **Considerações finais**

Vimos, portanto, a necessidade de desenvolver um ensino de língua portuguesa mais criativo no nível universitário, isto é, que deixe de ser pautado na revisão da gramática normativa aprendida no ensino básico para oferecer experiências linguísticas do futuro

mercado profissional escolhido pelo aluno. É nesse sentido que o processo educacional criativo de língua portuguesa no ensino superior tornar-se-á criativo, pois consistirá na construção de um conhecimento prático que permitirá a participação ativa do futuro profissional no mercado de trabalho, uma vez que as relações pessoais se dão por meio de textos, sejam escritos ou falados, bem como permitirá, conseqüentemente, a atuação do indivíduo na sociedade.

O ensino-aprendizagem da Língua Estrangeira é um processo sistematizado, em que docentes e discentes universitários devem trabalhar juntos em busca de métodos de aprendizagem para que haja um resultado satisfatório e que sejam atingidos os objetivos previstos na ementa de ensino do idioma Inglês.

Como vimos, a falta de empenho dos estudantes, nas atividades acadêmicas, pode ser motivada pelo trabalho profissional, bem como a exaustão devido a esse acúmulo de atividades extras, ligados a problemas que enfrentam em seu dia a dia, como por exemplo o trânsito de uma grande cidade, podendo levá-lo a obter resultados insuficientes para um aprendizado satisfatório.

Portanto, é de suma importância que se usem as estratégias de ensino para que os alunos estejam em contato com a Língua Inglesa, aprimorando seu uso tanto escrito quanto oral. Além disso, as estratégias de ensino podem ser usadas de acordo com a necessidade, contexto e condição social e até mesmo sendo modificadas conforme o grau de motivação apresentado pelo acadêmico ao longo da aprendizagem.

Então, a necessidade de se ter um professor motivado e engajado com metodologias diferenciadas é de extrema relevância para que o processo de ensino-aprendizagem se realize, porém o aluno universitário deve apresentar um comprometimento com as práticas e atividades propostas pelo professor, para haja eficácia no processo.

Espera-se que novos estudos acerca deste tema sejam realizados para contribuir para o desenvolvimento da competência comunicacional de alunos universitários e para a formação de profissionais atuantes no mercado de trabalho.

**Referências**

- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy.** Englewood Cliffs NJ: Prentice Hall Regents, 2001.
- CANALE, M. **From Communicative Competence to Communicative Language Pedagogy.** New York: Longman, 1981.
- LIBRELON RAIÁ, Silza Maria. **A Importância da Imagem Para o Ensino da Língua Estrangeira** (dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Por uma Linguística aplicada interdisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NAIMAN, N., Fröhlich, M., & TODESCO, A. **The good second language learner.** TESL Talk, 1975.
- O'MALLEY, J. M.; CHAMOT, A. V. **Learning Strategies in second language acquisition.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- OXFORD, R.L. **Language Learning Strategies: What Every Teacher Should Know.** Boston: Heinle & Heinle, 1990.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências.** Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª edição, 2005.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002.
- PASSARELLI, Lílian Ghiuru. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico.** 4a ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTANA, Beatriz P. **Criatividade e Ensino.** In: GIORA, Regina C. F. A. *Crisálida: o despertar da criatividade.* São Paulo: Cabral, 2010. pp.35-50.